

O LUGAR DA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM MAPA DA PRODUÇÃO

**Sylvia Helena Cyntrão e
Grupo de Pesquisa “Poesia
contemporânea: representação e crítica”¹**

Introdução²

Paul de Man (1971) nos diz que o crítico literário, seja qual for o plano institucional em que se coloque (acadêmico ou jornalístico) relaciona-se com a literatura através de um certo grau de cegueira ou... cegueira interessada, que leva o crítico a unicamente ver aquilo que quer ou pode ver. Não há como excluir a interferência daquele que recebe uma obra de arte, literária ou não, e a intenção do trabalho de pesquisa que aqui será descrito em seus resultados analíticos parciais foi a de adotar instrumentos de análise, cuja base teórica multidisciplinar nos permitisse justamente “poder ver mais”.³

Como vetor estético de representação do contemporâneo, podemos dizer que o texto poético é um produto cultural que trabalha com a transfiguração do real, manipulando um capital simbólico coletivo. Pergunta-se, então, qual o lugar do poeta e da poesia, hoje? Como começar a obter essas respostas?

O teórico Dominique Maingueneau (1998) cunhou uma palavra -paratopia – que traz a questão-chave em torno da qual a multiplicidade da expressão poética contemporânea pode ser pensada. Ele aponta para o fato de a literatura ser um espaço diferente das outras atividades sociais, porque não é possível definir para ela um espaço estável no âmbito da sociedade. Esse é o ponto de partida, então, para a difícil negociação entre lugar e não-lugar. O que se fala, se fala de onde? Isso faz toda a diferença...

Aproveitando um conceito de outro teórico de nossos dias, o anglo-indiano Homi Bhabha, situo o poeta contemporâneo no que ele chama de *entre-lugar*, que é o espaço estético de intervenção em que qualquer identidade radical é diluída e o sujeito artístico é livre para ressignificar o imaginário que o impulsiona. A globalização, sobretudo a partir dos anos de 1990, modificou a relação entre arte e realidade, instaurando um novo paradigma que gerou formas cada vez mais híbridas, tanto como

¹ Deliane Leite, Elga Laborde, Euler Bruno da Silva, Fernando Dusi Rocha, Guilherme Ornelas, Heloísa de Souza, Julliany Mucury, Maria Lílian Yared, Mayra Brito, Patrícia Corrêa, Paulo Cezar Custódio, Volnei Righi, Yara Dias Fortuna.

² O Grupo agradece a participação do Prof. Dr. Rogério Pereira (UFMS) - à época colaborador do PPg em Literatura da UnB – na elaboração desse projeto de pesquisa, bem como suas significativas intervenções nos debates iniciais.

³ Remetemos, por oportuno, ao Anexo 1, que apresenta o questionário produzido no Programa Sphinx, adaptado para a análise do discurso poético. Este modelo é utilizado pelas Ciências Sociais e adotado igualmente pelo Grupo de Estudos sobre a narrativa, coordenado pela profa dra. Regina Dalcastagné, da UnB, que iniciou sua aplicação e gentilmente compartilhou tão importante instrumento para a presente pesquisa.

reprodutoras das estruturas dominantes, dada a sua proximidade com as linguagens midiáticas, mas também como desarticuladora das práticas exclusivistas do sistema político-econômico mundial.

Uma proposta de mapeamento da produção poética contemporânea no Brasil

Objetivos

Tudo começou com o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, coordenado pela profa. Dra. Regina Dalcastagné, criado em 1997, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Este Grupo foi formado por professores e estudantes com o objetivo de fomentar a pesquisa e a produção de dissertações e teses em sua área temática. O principal foco de preocupações dos pesquisadores vinculados ao Grupo, desde o início, tem sido a relação entre literatura e sociedade, abordada em suas diversas facetas. O Grupo de estudos **Poesia contemporânea: representação e crítica** veio a ele se somar na utilização de instrumentos semelhantes de investigação dos textos da lírica brasileira contemporânea, contemplando também a identificação dos processos de intersemiose das letras da canção popular urbana e dos textos poéticos em livro. Colocou-se como desafio a identificação, a partir de detalhado levantamento bibliográfico, do perfil do escritor de poesia hoje: o que representa, quais os lugares e os entre-lugares de sua fala poética e como se manifesta esteticamente.

Configurando uma reflexão ainda parcial, visamos aqui apresentar os resultados desse trabalho de pesquisa, a partir do mapeamento realizado pela leitura de cerca de 3000 poemas temporalmente situados a partir da década de 1990 até nossos dias. O corpus de análise foi cuidadosamente localizado de modo a incluir poetas das cinco regiões brasileiras, com base nas categorias da análise do texto poético, tais como as características formais estilísticas; o universo semântico do léxico autoral; os índices intertextuais e contextuais; as remissões transtextuais discursivas, entre outros. O conclusivo parcial visa a apontar características do sujeito discursivo poeticamente velado, que pela leitura analítica se desvela, configurando-se o ser que, criado pela cultura, a ressignifica no processo de tradução contemporânea da tradição cultural brasileira, hibridamente construída.

O instrumento: poesia e números

Desde o início nos determinamos em fazer uma abordagem com um cuidado extra, que é o que exige o material. É senso comum a idéia de que a poesia fala dos começos e das essências primordiais, ou seja, a poesia tenta acessar o existente. Procura aquele instante, talvez mítico, onde a categorização ainda não teria organizado o mundo. Opõe-se freqüentemente à linguagem referencial da prosa, que já é uma linguagem submersa no mundano e prático. Uma de suas funções capitais seria apontar, sugerir, referir etc., esse domínio que é reputado como sendo anterior ao ser. Seu tema freqüentemente é a própria linguagem. Nesses termos, os grandes poetas seriam aqueles que conduziram os diferentes temas literários ao tema único da essência da poesia. A poesia, assim, investiga o mundo ordenado pelo logos em busca das coisas e dos entes. É, portanto, uma espécie de linguagem originária ordenada menos pelo logos e mais por relações de afinidades e semelhança (BOSI, 1983). Isso que vale como uma definição universal de poesia vale para a poesia contemporânea. Nesta, com efeito, esses aspectos

parecem se aprofundar. A poesia contemporânea é feita de textos cada vez mais voltados para o particular; avessos, assim, às generalizações e às universalizações.

Daí que alguns possam considerar temeroso propor uma categorização numérico-estatística desse saber que combate justamente as categorizações, os universais e as generalizações lógicas. Aceitamos que isso seja feito com a narrativa. Que o tênue saber poético seja assim anatomizado, parece de início inadequado.

Percebeu-se que um trabalho como esse, entretanto, seria necessário. Não podemos pretender esgotar o saber poético em categorias numéricas – em percentuais. Contudo, partimos da certeza de que uma avaliação quantitativa do trabalho poético no Brasil, em termos editoriais, é importante – e, sobretudo, dessa forma não foi feita ainda. Quem é o escritor de poesia? Sobre o que escreve, quais são seus temas? Qual verso usa? Que tipo de imagem (tropos) utiliza? Qual o universo semântico de seu léxico? Quais são os gêneros com que dialoga? Qual sua relação com o universo da prosa? Os textos poéticos tentam falar por si, ou falam por um determinado grupo social? Eis algumas das perguntas que devem ser feitas ao texto de poesia contemporânea.

Hipóteses

Uma tal investigação, como qualquer outra, não se faz sem hipóteses. Verificou-se ser preciso começar por perguntar, genericamente, o que se denomina como “poesia brasileira contemporânea”. Ou, de modo mais específico: o que é *poesia*? O que é poesia *brasileira* contemporânea? O que chamamos de *contemporâneo*? E isso a partir de um levantamento bibliográfico-teórico inicial sobre esses temas (discriminado nas Referências bibliográficas).

A partir do cotejamento dessas leituras e dos debates entre o grupo, levantamos questões interessantes, tais como a relacionada ao conceito de poesia que veio, ao longo dos últimos séculos, sendo modificado pela própria prática, com seu ápice na contemporaneidade. Nesta, o conceito de poesia se alarga: a lírica deixa de ser somente som e ritmo; o conceito de rima e verso é relativizado; passa a ser também visual: seu suporte agora não é somente o livro, é também o cartaz e o vídeo; os signos da indústria cultural penetram o texto lírico; mas, por vezes, fecha-se nos velhos procedimentos – renovados ou não. Nesse quadro cabe perguntar se sua estética, acompanhando o mundo da narrativa, é também penetrada pelo intertextual. E, além disso: será que, aprofundando uma tendência que já vinha desde o Modernismo, ela absorve nesse período os gêneros do mundo da prosa? E, será que nela vemos a consciência de que não se pode desprezar o lugar sócio-ontológico de quem fala e escreve?

Por fim: será que é possível falar, a essa altura, em escolas e estilos? O que talvez se verifique, de fato, é uma dispersão de procedimentos que não podem ser submetidos a uma dominante. Vimos que como característica típica de um tempo -a contemporaneidade- os estilos particulares e hiper-individuais são a regra. Não por acaso, a contemporaneidade pode também ser descrita assim, como sendo um espaço em que os universais são profundamente questionados, cedendo espaço às particularidades.

É preciso se perguntar: haveria correntes subterrâneas que disciplinariam essa dispersão? Será que, por exemplo, o mercado seria capaz de disciplinar essas particularidades? Será possível ver nas exigências do mercado editorial alguma regra, algumas linhas de força? O que efetivamente as principais editoras brasileiras estão publicando em termos de poesia/lírica? O que o público está comprando e lendo?

Objeto da pesquisa

Nesses termos, uma pesquisa como a proposta tem de partir de uma delimitação do objeto. Há uma enorme dispersão da produção literária nos dias de hoje – e isso é mais intenso no que diz respeito à poesia lírica. A preocupação desde o início foi contemplar as publicações impressas disseminadas nas 5 regiões brasileiras, identificando autores com pelo menos 1 livro publicado por editoras (re)conhecidas, citadas nos Suplementos literários de jornais como Folha de S. Paulo, O Globo, Correio Brasiliense, Zero hora, Rascunho literário ou em periódicos acadêmicos literários indexados. Valemo-nos de indicações de escritores, professores e críticos literários; começou-se assim a listar o nome das principais editoras brasileiras. Após esse primeiro momento, os pesquisadores contataram os responsáveis editores para fazer o levantamento dos livros que publicaram. Uma outra delimitação nos impusemos: o recorte temporal feito nos últimos 17 anos (1990-2007). Trata-se precisamente daquilo que julgamos o mais temporalmente contemporâneo. Uma massa de produção literária que, publicada, ainda não foi processada pelo público, pelos processos crítico-histórico-sociais. Textos que ainda mal mereceram uma resenha ou mesmo uma crítica. Um conjunto ainda pouco abordado e classificado. E textos que se inserem num período conturbado da história brasileira.

De fato, a se pensar com Hobsbawm (1995), os últimos 17 anos se referem a uma nova era, uma vez que o século XX para aquele historiador termina em 1990 com o fim da polarização da guerra fria, e com o chamado fim das utopias, sendo esse também o momento em que as nações estão se desconfigurando e caminhando para uma nova reconfiguração global. A se pensar assim, e levando-se em consideração que os séculos precedentes foram os séculos da configuração da nação pela literatura, talvez seja lícito pensar que os últimos 17 anos terão sido os anos que refletem mesmo uma dispersão e o rearranjo dos elementos da cultura nacional. Com efeito, o conceito de “disseminação” (BHABHA, 1998) acena para uma tal conclusão, já a essa altura meio óbvia – de que a nação, numa ordem global, muda sua feição em função dessa mesma ordem, estando assim submergida na tensão entre o local e o global. A cultura resultante daí é uma cultura em que o literário vai perdendo o seu tradicional estatuto como saber e agora se dilui decisivamente no mercado e em contextos os mais variados – características de uma cultura chamada de pós-modernista.

Análises parciais

Os resultados dessa pesquisa foram obtidos pelo levantamento de dados e o posterior cruzamento de categorias-chave do texto literário que compuseram o questionário (Anexo 1) orientador da leitura de poemas. Foram lidos cerca de 100 livros, perfazendo cerca de 3000 poemas de 90 autores, entre poetas e cancionistas (Anexo 2), que permitem demonstrar o que se segue:

I) Da estrutura textual

Formalização

Tipologia enunciativa

narrativa / figurativa/ metapoética

Funções agregadas à função poética

emotiva/ fática/ metalingüística/ referencial

Subjetividade enunciativa (eu-poético)

Funções da linguagem agregadas à função poética

No que diz respeito à função de linguagem que está ligada à função poética, a que prevalece é a emotiva, aquela vista do prisma do emissor, expressiva de um estado de espírito, de acordo com a teoria de Jakobson (2005).

É interessante observar que, a despeito de toda a fragmentação do sujeito na pós-modernidade, há uma tentativa de recuperação dessa inteireza perdida, como um movimento em direção à integração das partes, e isso é representado pela recorrência ao pronome “eu”, explícito ou não. A função metalingüística apresentou uma baixíssima frequência, talvez fruto do esgotamento da força gravitacional da racionalização na poesia, devido à intensa necessidade de representar, de alguma forma, o “eu” esfacelado. Nesse item, também podemos incluir a prevalência da tematização sentimental. A leve predominância da função emotiva sobre a função referencial estaria a indicar que o discurso poético (ainda) não se contaminou das reestruturações ou reescalamentos próprios da sociedade pós-moderna, que tendem ao domínio da instância econômica sobre os diversos campos da vida social. Estaria a indicar que o poeta quer preservar sua subjetividade das infecções discursivas que permitem que se misture o público e o privado.

A função emotiva, ou “expressiva”, é centrada no remetente e tem por objeto a expressividade direta de quem fala em relação àquilo de que se está falando. Essa expressão flui com facilidade na poesia brasileira contemporânea, malgrado todos os deslocamentos que impõe ao sujeito (o remetente da mensagem, em termos jakobsonianos) mecanismos de interpenetração, que não o tornam completamente imune à discursividade predominante.

A predominância da função emotiva na tipologia enunciativa figurativa estaria denunciando uma contramarcha na desfiguração da subjetividade pelos mecanismos de reestruturação ou reescalamento apontados por Fairclough (2002). Esta conjectura impõe que se analise outra consequência da pós-modernidade, apontada por Huchteon (1988), sobre a própria natureza da subjetividade: o freqüente desafio às noções tradicionais de perspectiva. Já não se presume, diz a teórica, “que o indivíduo perceptor seja uma entidade coerente, geradora de significados”.

II) Dos níveis textuais de concentração signica (preponderância)

Nível morfo-sintático

substantivos/ verbos/ adjetivos e advérbios vocábulos intensificadores

Nível fônico

rima/ ritmo/ assonância/ aliteração

Nível semântico (imagística)

figurativo/ passional/ prosaico

Nível morfo-sintático

Revelam-se aqui dados mais estruturais da pesquisa, revelando a quantidade percentual de substantivos, verbos, adjetivos e vocábulos intensificadores. Esse resultado é bastante importante, pois permite iniciar a verificação da condição do eu pós-moderno, amalgamada na expressão discursiva: se mais filosófico (substantivos); se

mais ativo (verbos), mais crítico-emocional (adjetivos). O gráfico revela que, com 88,3%, os substantivos aparecem com mais frequência.

Cruzando os dados, verifica-se que na tipologia figurativa a classe dos substantivos é a mais presente – resultado já esperando nos bastidores da pesquisa. Podemos dizer que a pós-modernidade da poesia brasileira se apresenta como um pulsar de imagens e não um desenrolar contínuo de narrativas; é a variável discreta que prevalece, linguagem binária da informática, velocíssima, mais condensada ainda que a natural condensação da poesia. Affonso Romano de Sant’Anna, no Festival de Poesia de Goiaz, realizado em março de 2006, já dissera que a poesia narrativa entre os poetas brasileiros infelizmente era um filão pouco explorado.

Nível fônico

Já que o nosso objeto de estudo é a poesia, não estranhemos que sua caracterização mais tradicional e fundamental – o ritmo – prevaleça como aspecto relevante do nível fônico, mesmo em se tratando de poemas de versos livres, em sua maioria. Octávio Paz (1996) nos diz que “sem o ritmo não há poema”. Segundo Paz, “ritmo, imagem e significado se apresentam, simultaneamente, em uma unidade indivisível e compacta: a frase poética, o verso”.

O poema em versos livres, sem metro definido, ainda é favorecido por muitos autores, mas mesmo esses estão longe de uma arbitrariedade quase prosaica; apresentam, isto sim, uma elaboração equilibrada do ritmo e da sequência dos versos.

Nível semântico

A avaliação do nível semântico busca identificar o significado do texto a partir de três leituras: figurativo, passional e prosaico. Deseja-se, com isso, avaliar desde o fragmento (as imagens que se formam em um determinado instante), as emoções (o arrebatamento) até a vida em sua condição mais básica (quotidiano). Quanto às possibilidades da Tipologia enunciativa, que trata da estrutura textual, pode apresentar-se so+bre a forma narrativa, que traduz os eventos numa sequência temporal, começo-meio-fim; figurativa, cujos elementos textuais são imagéticos; ou metapoético, na qual o ato de se fazer poesia se torna a própria matéria poética, como sabemos. Merece destaque a presença dos elementos figurativos (72,7%), dos quais emergem imagens fragmentadas. Essa fragmentação reflete a pluralidade de manifestações e de sensações do sujeito como marca da pós-modernidade

III) Da unidade semântica do poema

Tematização (preponderância)

sentimental/ social/ religiosa/ auto-referencial

Voz ideológica do eu-poético

feminina/ masculina/ homossexual / não explicitada

Projeção de identificação

explícita/ implícita

tipo:cultural/ étnica/ política/ sexual/ religiosa

Área significativa (preponderância)

. angústia amorosa .angústia existencial .alegria .arrebatamento

.arrependimento

. amorosidade .crítica .desesperança .dúvida .esperança .erotismo
.pessimismo
.ironia .idealização.raiva .revolta .tristeza .religiosidade

Tipo de projeção de identificação

Este conceito foi criado para situar o que cada obra traz semanticamente no conjunto das poesias que a compõe. Foram assim categorizados os possíveis parâmetros:

- *Existencial*: o conteúdo serve como aparato para o eu-lírico expor suas angústias e questionamentos pessoais. Infere-se que há uma carga reflexiva profunda, atrelada a questões atuais, em que o indivíduo insere-se como um “desbravador” de sua realidade em busca de respostas ou até mesmo as apresenta ao leitor. Esse mergulho na existência leva a construções metafóricas elaboradas ou a uma simples e crua poesia visual, ambas com a mesma e pulsante busca pelo “Santo Graal” latente, pelo norte da vida, por seu propósito em si.
- *Cultural*: a projeção de identificação dita cultural foi assim denominada por ser ela a que apresenta as marcas de determinada cultura de forma evidente. O eu-poético defende ou espelha-se em um determinado nicho social, representado por expressões idiomáticas, idiosincrasias dos indivíduos de dada cultura e até por rituais, referências geográficas claras e também as histórico-ideológicas.
- *Mística/religiosa*: os poemas relacionados com o conteúdo místico e religioso são passíveis de reconhecimento imediato, tendo em vista a referência a divindades, vocativos e conteúdo voltados para determinada crença de forma bem contundente.
- *Sexual*: esse conceito se revela no apelo erótico explícito e mesmo nas referências libidinosas, por vezes lascivas, em muitos dos poemas que formaram o *corpus* da pesquisa.
- *Étnica*: essa categoria remete imediatamente à caracterização do poema como defensor ou pertencente a uma determinada etnia. Uma nação, um povo ou uma raça são o ponto-chave desta construção poética.
- *Política*: a este conceito está atrelada aquela manifestação do eu-poético que trata do Estado, de forma crítica ou defensiva. Quando há um posicionamento ligado à política em si ou um retrato de um momento histórico com ênfase neste aspecto.

Nível semântico e projeção de identificação

A projeção de identificação, segregada em seis tipos: cultural, política, mística/religiosa, étnica, sexual e existencial tem por objetivo identificar a forma pela qual o eu-poético se projeta no texto, bem como explicitar a temática preponderante abordada na obra. O tipo de projeção de identificação “existencial” atingiu a frequência de 70,1% dos casos.

Pela preponderância da leitura figurativa das obras (72,7%), percebe-se que o eu-poético sofre a fragmentação do seu espaço, da sua cultura e de si mesmo. No entanto, a identificação do sujeito se projeta com preocupações existenciais (70,1%). Ou seja, apesar de estilizado, o eu-poético não perdeu a preocupação de ampliar o conhecimento de sua condição humana. Ele se volta às questões internas, em busca da

unicidade física e da completude universal. Portanto, estamos diante de um paradoxo: de um lado, o fragmento pós-moderno; de outro, a busca de reintegração de ser.

Voz ideológica do eu-poético

A voz ideológica do eu poético (homem, mulher ou homossexual) não está explicitada na maioria dos textos lidos. Nesse sentido, lembremos que o sujeito da pós-modernidade, segundo Stuart Hall (1998), não tem uma identidade fixa, permanente. É a metamorfose ambulante, podendo ser deslocada dependendo de seu próprio interesse. Nesse sentido, os poetas brasileiros contemporâneos parecem incorporar essa mutação deslizante, deixando ao leitor a liberdade para se identificar com uma ou outra voz ideológica. Para a voz ideológica do eu-poético os gêneros pareciam ser a saída óbvia para defini-la, no entanto, foi observado que na produção poética contemporânea há uma flexibilidade nestes quesitos com uma frequência maior que outrora, principalmente marcada pela ausência ou suspensão do gênero e, ainda, alguns em que houve marcas de um eu-poético cujo registro está claramente dirigido para o mesmo gênero daquele que escreve. Portanto, esse conceito, voltado para o gênero, ganhou subcategorias que vão além do masculino e feminino, definidas como ‘não-explicitada’ e homossexual.

I V) Dos índices de contextualização

Contexto

explícito / não- explícito

se explícito : temporal /espacial

Memória discursiva (intertextualidade)

explícita/ implícita

Índices de contextualização

A contextualização não está explícita, na maioria dos poemas (66%). Com a enorme aceleração do desenvolvimento tecnológico na última década, o mundo pós-moderno ficou menor e viu o tempo passar mais rápido. As distâncias e o tempo ficaram mais curtos. O espaço e o tempo sofreram uma compressão. Como um poema pode representar isso?

Onde os índices de contextualização são explícitos (34%), podem aparecer na forma temporal, com 13,0% e espacial, 24,7%. É importante ressaltar que o espaço, sob uma perspectiva pós-moderna, não se reduz à idéia de lugar, que é específico e concreto, e que cada vez mais a aceleração dos processos globais vem causando a “compressão do espaço-tempo” já mencionada, refletindo-se nos sistemas de representação.

Ao cruzar os dados, *índice de contextualização X tipologia enunciativa*, observa-se que o contexto é explícito na tipologia narrativa, com uma margem de 70,6%, enquanto as demais tipologias apresentam uma porcentagem de 25,0% cada.

Memória discursiva

O conceito de memória discursiva vai ao encontro das referências e/ou reminiscências de origem passional, prosaico ou figurativa visíveis ou não nos poemas analisados. Isso consiste na direta experiência do poeta com situações que se manifestam nas diversas formas semânticas já citadas. De um modo geral, dentro do universo pesquisado, a prevalência da memória discursiva em nível semântico de modo implícito é comum a 44,2% da totalidade, além da constância de 50% no nível semântico figurativo. A partir disso, justifica-se a fragmentação pós-moderna no sentido de não declaração explícita de referências intertextuais.

Esse, o paradoxo da poesia pós-moderna: ela representa a fragmentação do sujeito e, ao mesmo tempo, une os estilos, criando outra identidade, a discursiva – a única real.

Conclusões transtextuais

Interessou-nos aqui começar a revelar – pelo texto – os sujeitos criadores, articuladores de idéias, poetas que, rendidos à força da sedução do pluralismo, apresentam no discurso literário a desconstrução da realidade como seu princípio estético motor, impulsionando a tão necessária transvaloração da condição existencial diluída e esvaziada do sujeito-de-hoje.

Se o homem do Terceiro Milênio busca o resgate da fragmentação e caminhos para a integração e a integridade, é compreensível e desejável que o fenômeno plurivocal que é o texto literário seja focalizado e analisado sob o prisma de uma significação cultural e estética igualmente ampla.

Por entendermos que o texto literário é *locus* privilegiado, fonte de conhecimento, sempre revelador do ser humano e de suas relações com os micro e macrocosmos culturais, interpretar um texto teve um sentido para além do exercício narcísico intelectual, com o objetivo de abrir fronteiras intersubjetivas para compreensão do mundo em que vivemos.

Nesse momento de particularização, são os aspectos qualitativos do pensamento que buscam voz pela via do particular, que é social (mas não só), contra a idéia de homogeneização, vinda de uma interpretação errônea do significado de mundo globalizado. Ao se chamar esse mundo de “pós-moderno”, o que se percebe é que se estrutura sobre o afastamento dessa “unificação”, já citada, bem como da centralidade e da fundamentalidade. Instaura-se a realidade particular, menos ficcional do que a que se queria “universal”, já que o particular é a abertura do possível e do que é viável, fora da utopia.

Vimos as rupturas literárias eclodirem no início da década de 1960, formulando um conjunto de princípios que hoje produzem uma textualidade singular, pela descontinuidade, pela indeterminação e pela pluralidade. Assim, as práticas literárias da pós-modernidade transitam contemporaneamente nos limites hibridação dos gêneros literários e os sistemas semióticos concorrem para a sua fabricação, misturando texto com imagem, com som, entre outros elementos. Em relação à poesia brasileira,

podemos dizer que desde os anos de 1990 ela vem apresentando esse processo de hibridação, gerado pela erosão de fronteiras entre os gêneros (mídia, canção, teatro, videoclip), ressaltando-se a internet como forma de afirmação de grupos de autores que publicam em revistas eletrônicas ou que mantêm a interatividade em seus blogs.

A coexistência de vários estilos e diferentes registros – poemas longos, breves, prosa poética, sonetos, hai-kais, poemas que seguem a sintaxe convencional ou aqueles que apresentam ostensiva ruptura gramatical – alia-se à diversificação dos temas poéticos, e, uma antologia de poemas contemporâneos pode conter versos de crítica social, questões existenciais-metafísicas, o feminismo-feminino, o homoerótico, a memória, o urbano, o bucólico, o erotismo, a auto e a hétero-referenciação, entre tantos outros, emersos da diversidade cultural brasileira e mundial.

A apreensão das falas de representação e transcendência que compõem os textos poéticos, permeiam-se, contemporaneamente, das implicações globais de integração e estranhamento do homem em seu meio. Buscar sentidos e significados é, naturalmente, buscar o “humano ser” e o humano “sendo”; e, buscar-se enquanto “eu” e enquanto “outro” é repensar, é ressignificar a própria história.

As conclusões – parciais mas razoavelmente seguras – a que este Grupo de Pesquisa permite-se chegar e expôr, é por entender que os estudos literários, hoje, manifestam-se pela abertura de processos que façam compreender o encadeamento sistematizado das várias esferas que circundam o ser na expressão de sua existência. Valores excludentes, tidos como absolutos durante muitos séculos, foram questionados no século XX e, no século que ora adentramos, são substituídos em nome de um pensamento que incorpora a diferença, a pluralidade e a micrologia do cotidiano.

Acreditamos firmemente ser possível, neste Terceiro Milênio – para os homens e mulheres que, apesar de a reconhecerem, querem superar a fragmentação autofágica legada pela modernidade – pensar, sentir e vivenciar experiências existenciais com integridade, fora das máscaras – todas redutoras. Para tanto, as antigas barreiras devem ser transformadas em fronteiras de enriquecimento permanente, para honrar o sempre contínuo e perpétuo processo de busca de harmonização ativa desse ser – que somos nós. Ser que busca essência. Quintessência cujos maiores arautos continuam sendo os poetas.

Referências bibliográficas

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1998.
- CYNTRAO, Sylvia, H. Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos. Brasília: Plano Editora, 2004.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DE MAN, Paul. *Blindness and Insight. Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism*, Minneapolis, 1971.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language in new capitalism..* Discourse & Society: 13, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 1998.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUTCHEON, Linda. *Poética da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 20ª ed. 2005.
MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ANEXO 1- QUESTIONÁRIO

Poesia contemporânea: representação e crítica

Roteiro analítico de leitura

1. Número da ficha: _____

2. Responsável pelo preenchimento: _____

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8
() 9 () 10 () 11 () 12 () 13 () 14
() 15 () 16 () 17 () 18 () 19 () 20

3. () 1. Livro () 2. CD

a. Editora/ gravadora nome _____

a.1 Local da Editora/Gravadora:

() 1. Norte () 2. Nordeste () 3. Centro-oeste () 4. Sul () 5. Sudeste () 6. Exterior

Cidade: _____

a.2- Ano da atual edição: _____

a.3- Ano da edição original: _____

b. Do objeto livro/CD

b1-Tiragem 1ª edição/exemplares

() 1. até 500 () 2. de 500 a 1000 () 3. mais de 1000

b 2-Formato do livro/CD

() 1. padrão (+ - 15X22) () 2. outro padrão (especificar dimensão) _____

c. Do autor

c1- Nome: _____

c2- Sexo

() 1. feminino () 2. masculino

c3- Etnia

() 1. identificada

Qual? _____

() 2. não identificada

c4- Reside

() 1. Norte () 2. Nordeste () 3. Centro-oeste () 4. Sul () 5. Sudeste () 6. ignorado

Cidade: _____

c5-Faixa etária

() 1. 20 a 35 anos () 2. 35 a 50 anos () 3. mais de 50 anos

c6-Escolaridade

() 1. superior () 2. não superior () 3. não identificada

c7- Profissão

d. Da estrutura textual

d1- Formalização

- () 1.exclusivamente verbal () 2.visual () 3.verbal e visual
c1.1 Se verbal
() 1.versos livres () 2.forma fixa () 3.ambos

d2- Tipologia enunciativa

- () 1.narrativa () 2.figurativa () 3.metapoética

d3- Funções agregadas à função poética

- () 1.emotiva () 2.fática () 3.metalingüística () 4.referencial

d4- Subjetividade enunciativa (eu-poético)

- () 1.explicita () 2.não explícita

e. Dos níveis textuais de concentração signica (preponderância)

e1- Nível morfo-sintático

- () 1. substantivos () 2.verbos () 3.adjetivos e advérbios () 4.vocábulos intensificadores

e2- Nível fônico

- () 1.rima () 2.ritmo () 3.assonância () 4.aliteração

e3- Nível semântico (imagística)

- () 1.figurativo () 2.passional () 3.prosaico

f. Dos índices de contextualização

f1- Contexto

- () 1.explicito () 2.não- explícito
f1.1- Se explícito
() 1. temporal () 2.espacial

f2- Memória discursiva (intertextualidade)

- () 1. explícita () 2. implícita

g. Da unidade semântica do poema

g1- Tematização (preponderância)

- () 1.sentimental () 2.social () 3.religiosa () 4. auto-referencial

g2- Voz ideológica do eu-poético

- () 1.feminina () 2. masculina () 3.homossexual () 4. não explicitada

g3-Projeção de identificação

- () 1.explicita () 2. implícita

g3.1- Tipo

- () 1. cultural () 2.étnica () 3.política () 4.sexual () 5. religiosa

g4- Área significativa (preponderância)

obs: marcar um máximo de 3(três)itens

- () 1.angústia amorosa () 2.angústia existencial () 3.alegria
() 4.arrebatamento () 5.arrependimento () 6. amorosidade
() 7. crítica () 8.desesperança () 9.dúvida
() 10.esperança () 11.erotismo () 12.pessimismo
() 13.ironia () 14.idealização() 15.raiva () 16.revolta
() 17.tristeza () 18.religiosidade

Outro (especificar): _____
